

CEDI - P. I. B.  
 DATA 01.10.187  
 COD. 0MD38

PROC. N° 4436/78  
 FLS. 109  
 RUBRICA

3124/81  
 142  
 M

A RESERVA JAMINÁUA-ARARA

1.. Constituição do sub-grupo

O grupo Jamináua-Arara é constituído pelos sobreviventes de dois grupos originais -- os Jamináua e os Arara, provavelmente participantes da família linguística Pano. Até 1966 estiveram reunidos no alto Rio Bagé. Após essa data sofreram dispersão resultante das pressões dos patrões. Os indígenas entrevistados demonstraram interesse em se reunir como proprietário da terra, na sua área original das cabeceiras do Bagé.

2. Imemorialidade da área e necessidades atuais do índio

[Informações dos membros do grupo indicam que o grupo Jamináua subiu o Riozinho da Liberdade e chegou a região do Bagé e cabeceiras do Tejo. O líder Crispim sustenta que a região sempre foi dos índios Arara, os quais tiveram muitas malocas lá. Ele diz que durante muito tempo os grupos indígenas brigaram entre si, e que sobreviveram apenas duas malocas. Numa epidemia de sarampo, uma das malocas foi quase exterminada. Os remanescentes foram para o rio Juruá-Mirim depois de 1966. Da outra maloca, também Arara, os que sobreviveram ficaram na região. Em 1966 as famílias que hoje se acham no Tejo e riozinho Humaitá (cruzeiro do Vale) estavam todas morando juntos em volta da colação Monte Alegre. Depois desta data começaram a se espalhar. Os índios que restaram estão lá porque Crispim recusa deixar a região antiga do seu grupo.] Eles dizem que o patrão é muito duro, ameaça-os com a polícia, maltrata-os, e diz que gostaria que todos os índios morressem logo. Obviamente, o encarregado Francisco Praxedes Bessa, não disse isto a nós. Mas salientou que ele trabalhava para faturar nas colações, e que muitas pessoas não trabalhavam. Se o líder Crispim morrer, é provável que os sobreviventes deixem a área. Mas foi várias vezes dito para nós que todas as pessoas que moravam longe nasceram no Bagé, e querem morar no Bagé.

Os Jamináua-Arara encontram-se, atualmente, em situação péssima como seringueiros dependentes dos seringalistas do Bagé. Um regional nos diz que os índios estão piores do que os outros: "os filhos andam nus porque não tem pano; estão sem assistência nenhuma; estão pior do que a gente". O grupo não tem uma identidade étnica forte, há muitos casamentos interétnicos, e os filhos não aprendem a língua indígena. Uma reserva indígena melhoraria consideravelmente este quadro, se for estabelecida junto com um projeto de planejamento comunitário.

### 3. Justificativa da necessidade atual do grupo

3.1. Não existe infra-estrutura da FUNAI na área. Os índios se encontram sem assistência.

3.2. Localização das aldeias e/ou malocas. Os índios Jaminãua-Arara moram em colocações onde cortam seringa. Estes estão localizados aproximadamente: a localização das colocações que não se encontram na área do Bagê não pode ser determinada com precisão. As indicações quanto a situação das mesmas, será portanto aproximativa. Eles seguem a numeração abaixo.

1. Seringal Restauração, colocação Viena. *pag. 31*
2. Seringal Restauração, colocação Estado. *1 32*
3. Seringal Restauração, colocação Califórnia. *33*
4. Seringal Restauração, colocação Beira Alto. *34*
5. Seringal Bagê, colocação Bananal, residência do líder Crispim. *4*
6. Seringal Bagê, Colocação Viravolta. *43*
7. Seringal Nilo, Colocação Salgado. *38*
8. Seringal Cruzeiro do Vale, Colocação Brejo. *39*
9. Seringal Rio Branco, colocação Cruzeiro do Vale. *39*
10. Seringal Nilo, colocação Boa Vista. *113*
11. Seringal Boca do Tejo, colocação lagoinha. *114*
12. Seringal Rio Branco, Colocação Cabreiro. *114*
13. Seringal Rio Branco, Colocação Solidão. *114*
14. Seringal Cruzeiro do Vale, Colocação Rio Branco *114*
15. Seringal Cruzeiro do Vale, Colocação São Sebastião. *114*
16. Seringal Cruzeiro do Vale, colocação Cachimbo. *115*

3.3. População indígena, por colocação, levantando os grupos familiares. Os diagramas anexos apresentam a população de cada colocação enquanto foi possível levantá-la com as pessoas que se encontraram na aldeia de Crispim (Seringal Bagê, colocação Bananal). Os dados demográficos podem ser considerados confiáveis com pequenas e eventuais incorreções.

#### 3.4. Áreas da roças

As roças Jaminãua-Arara situam-se nas proximidades das colocações; produzem fundamentalmente para consumo familiar com uma ênfase em mandioca para fazer farinha. As dimensões das áreas de roçados acompanham a média da região.

#### 3.5. Área de caça

A atividade de caça é a fonte de proteína, e se desenvolve paralelamente ao corte da seringa, constituindo um subsídio importante para a subsistência dos grupos familiares. A área pleiteada é coberta de seringais de maneira que se poderia enquadrá-la, na totalidade, também como área de caça. A caça nos "centros" --

nas cabeceiras dos igarapês -- é relativamente abundante. 3

### 3.6. Áreas de coleta e extrativismo vegetal

A principal atividade econômica dos Jamináua-Arara é o corte de seringa. O produto é vendido a Francisco Praxedes Bessa, arrendatário (o pai também o era) do Seringal Bagé, comprado pela Santana Empreendimentos Agro-pastoris S.A. As compras dos equipamentos, medicamentos, e outros produtos necessários à subsistência das famílias dos seringueiros continua se fazendo de acordo com o sistema de barracão (vd. Terri de Vale, Tese de Mestrado, UnB.). É fundamental que qualquer área demarcada para este grupo tenha amplos seringais.

Existe madeira-de-lei na região, mas sua exploração é complicada pela dificuldade de transporta-la até a boca do Bagé, um rio estreito e de difícil navegação até com "pele" de borracha.

### 3.7. Atividades agro-pecuárias

Com exceção de algumas cabeças de gado criados para leite, e um começo de abertura de pastos na boca do Tejo, a atividade agropecuária é pouco importante na região. Os índios disseram que tinham três cabeças de gado, mas que esses foram "confiscados" pelo patrão para saldar uma dívida.

### 3.8. Localização de áreas inaproveitáveis para agricultura-

Estimativamente, cerca de 60 por cento das terras é aproveitável para atividades agrícolas, sendo o resto das terras ou sujeita a inundações periódicas ou acidentado.

### 3.9. Áreas para fins religiosos.

O grupo Jamináua-Arara aparentemente não pratica seus rituais tradicionais; se diz católica, mas não há igreja nem visita do padre na região do alto Bagé.

### 3.10 Localização das áreas invadidas.

a) Nos seringais Bagé e Divisão a população de regionais é muito superior à população indígena. No alto Bagé há 38 famílias registradas, das quais cinco são índios. A população inteira da região trabalha como seringueiros, vendendo aos seringalistas e saindo raramente das suas colocações. Muitos adultos não conhecem sequer o rio Juruá. A dificuldade prática de estabelecer uma reserva numa área tão invadida e a mobilidade da população indígena leva o antropólogo a acreditar que eles se deslocariam voluntariamente para uma área no Juruá-mirim (vd. relatório sobre a região, escrito por Delvair Melatti) se tivesse garantia de terras e também um projeto comunitário na área (o "bom patrão"). O rio Bagé é de muito difícil navegação.

3124/10  
143  
NR

PROC. N.º	443978 5
FLS.	112)
RUBRICA	

3.11. Posse de Terras.

A coleta de catilhas para preparação de amostras, por não existir, ainda, o levantamento do INEA, referente a essa área. Os títulos dos seringueiros são suspeitos, sendo que geralmente tem título legítimo para uma área relativamente pequena e com isto pleiteam uma área várias vezes maior do que o título legítimo.

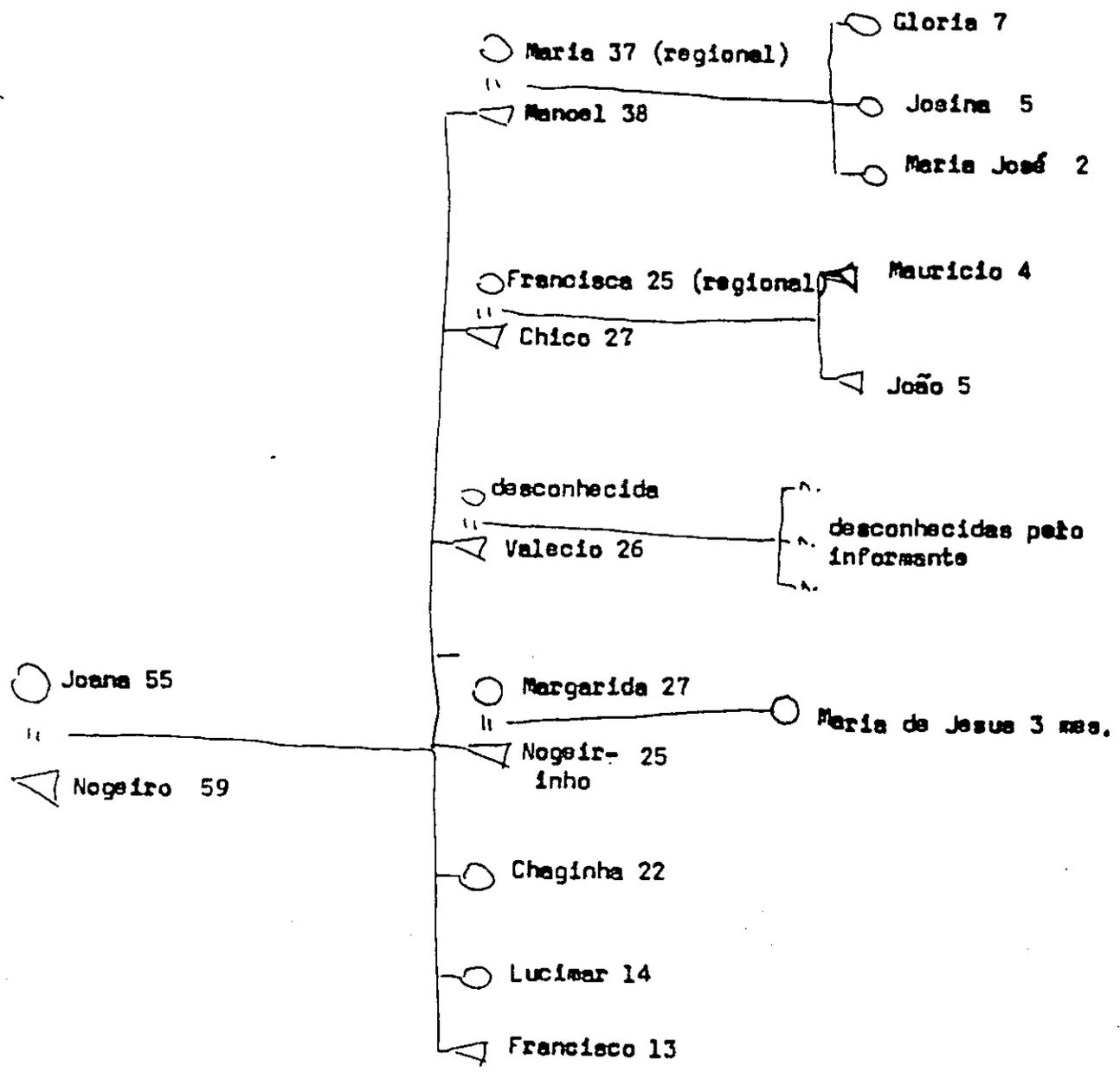
Seringal Bagê, agora pertence a Santana Empreendimentos Agro-pastoris S.A., localizado na Alameda Santos 1853, 119 andar, São Paulo - S.P.

Seringal Divisão pertence a Francisco Braga Montenegro que "reside no Ceará". Sua área é desconhecida, e o seringal é administrado pelos parentes do dono.

Esses dados podem ajudar para a demarcação de uma reserva para os índios Jaminãua-Arara. Mas a reserva não pode ser o final da atuação da FUNAI na região. Necessita-se de planos de desenvolvimento comunitário em cada área. Anexamos nossas sugestões para uma política indígena no al to Juruá do nosso relatório.

PROC. N.º - 443878  
 FLS. 113  
 RUBRICA

3129/PC  
 149  
 PM



FALTA

125  
16  
ISA

SERINGAL BOCA DO TEJO

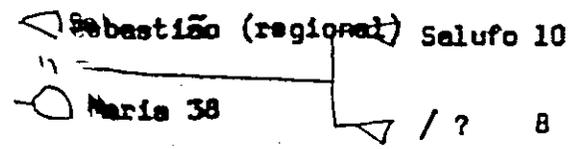
11.

COLOCAÇÃO LAGOINHA

16

PROC. N.º	44567
FLS.	114
RUBRICA	

3/24/81  
145  
DM

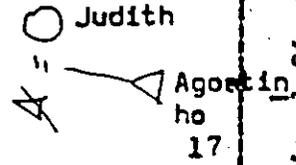


12. Seringal Rio Branco, Colocação Cabreiro

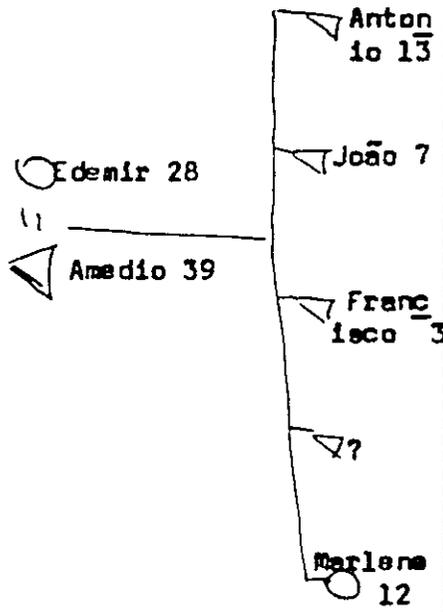
126  
5

PROC. N.º 4567  
 FLS. 114  
 RUBRICA

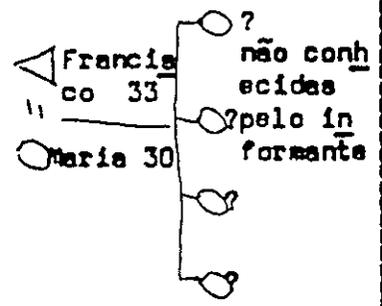
324/25  
 146  
 201



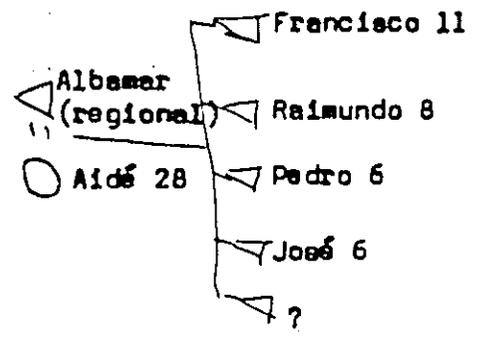
13. Seringal Rio Branco, Colocação Solição



14. Seringal Cruzeiro de Vale, Colocação Rio Branco



15. Seringal Cruzeiro de Vale, colocação São Sebastião



Acervo ISA

PROC. N.º	415670
FLS.	115
RUBRICA	

Antonio Napoleão 5ª

3124 [X]v  
147  
Nob

Q. Maria

○ Maria 38 (Ceriú)

△ Bonifácio 39

△ João (no Bajá)

○ Eudice 16

○ Demeto 15

△ Armédio

△ Napoleão 22

○ Zeleide 19

△ Claudio 16

○ Fátima 14

○ Evanilde 13

○ Maria Socorra 11

△ Francisco 5

△ Sebastião 2

△ José 2

△ ? 3 anos

○ ? 2 mes